



GÊNERO É DESIGUALDADE SOCIAL PONTOS PARA REFLEXÃO

Sueli Gião Pacheco do Amaral¹

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo trazer para o debate as relações sociais fundantes da sociedade que se apresentam imbricadas na realidade social. Quando se analisa as relações de gênero, as relações étnico-raciais e de classe social estão presentes e atuantes de forma contraditória e complementar. Os Assistentes Sociais, cujo objeto de trabalho é a questão social, atende majoritariamente os grupos sociais que mais sofrem as injustiças sociais: as mulheres, os negros e os pobres. A perspectiva deste estudo, abre espaço para a busca da igualdade social, ao focar de forma embricada, patriarcado, gênero e racismo.

Palavras Chaves: relações de gênero; igualdade de gênero; racismo.

ABSTRACT

The present study is an overview of a social analysis that includes relations of the contradictions of gender, social classes and races. When the social analysis is mainly focused in gender, social classes and races relations are discussed. It is generally accepted that it is reasonable to assume that those three contradictions (gender, class and race) are the keystone of our society. Women, poor, and black people have been discriminated over the centuries. They have almost no voice in our society. The topics herein discussed are intended to lead to some reflections towards the construction of a new society socially equal.

Keywords: gender relations; gender equality; racism.

¹ Doutora. Pontifícia universidade Católica (PUC-SP). sueliamaral@sueliamaral.com



INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo trazer para a reflexão as relações de gênero como fundantes da sociedade. Relações de gênero, relações étnico-raciais e de classe social estão presentes e atuantes de forma contraditória e complementar e constituem as categorias que se apresentam imbricadas na realidade social e são fundantes da realidade social. O mesmo ocorre quando se toma para a análise as relações entre as classes sociais, ou as relações étnico-raciais - não se apresentam de forma isolada das duas outras.

Os Assistentes Sociais, cujo objeto de trabalho é a questão social, atende majoritariamente os grupos sociais que mais sofrem as injustiças sociais: as mulheres, os negros e os pobres. A perspectiva deste estudo abre espaço para a reflexão da categoria de gênero como instrumento de ação, na busca da igualdade social, ao focar de forma embriçada, patriarcal, gênero e racismo.

ENTENDENDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO

Incorporar as expressões de gênero e étnico-raciais no contexto da sociedade de classes à prática profissional dos Assistentes Sociais coloca em destaque uma forma de ver e intervir na realidade social que considera gênero uma das contradições básicas fundantes da sociedade, no mesmo processo que classe social e raça/etnia. Estas contradições, históricas e localizadas, não se apresentam de forma hierárquica entre si e nem mesmo separadas, pois o sujeito é simultaneamente constituído em gênero, classe e raça/etnia. De acordo com Saffioti (2003: 35):

Isso equivale a dizer que o sujeito se constitui socialmente, ou seja, é forjado nas e através das relações sociais. Não apenas o sujeito coletivo, mas também o sujeito individual não é senão a história de suas relações sociais.

Desta forma, as três contradições estão sempre presentes nas relações sociais, pois ali são forjadas, podendo ser destacada uma delas, como será feito aqui com gênero, apenas como perspectiva analítica, porém tendo implícita a presença das duas outras, ainda que de forma latente.

A organização social de gênero transforma alguns indivíduos em mulheres e outros em homens. Ou seja, as relações entre mulheres e homens, homens e homens e entre mulheres e mulheres são relações de gênero regidas por uma gramática sexual (SAFFIOTI, 1992; 2004) que orienta a prática social das mulheres e dos homens. A gramática sexual é composta por regras que apontam o que é próprio para uma categoria de gênero e o que é próprio para a outra. Estas regras são assumidas ou contestadas, nas relações entre os



gêneros. Na maioria das situações é possível afirmar que a socialização com base no gênero tem sido assumida majoritariamente pelos sujeitos. Cada sociedade constrói sua gramática sexual, o que impõe que os estudos de gênero precisam ser localizados no tempo e no espaço.

PATRIARCADO E O VETOR DO PODER

A desigualdade social entre os gêneros surge com o advento do patriarcado (JOHNSON, 1997; LERNER, 1986) que atribui ao público masculino poder em relação ao feminino. As relações de gênero contraditórias advêm das sociedades organizadas nos moldes patriarcais, que indicam o vetor deste poder (SAFFIOTI, 2004), expresso em dominação-exploração dos homens em relação às mulheres. O patriarcado traz para as relações de gênero a assimetria, a contradição e a desigualdade social.

Disto decorre que os fenômenos sociais rebatem diferentemente em homens e mulheres em razão das citadas relações que os forjaram. Este rebatimento, diferente em cada categoria de gênero não se constitui necessariamente num problema. O problema se coloca à medida que a diferença se transforma em desigualdade social entre estas categorias, imposta pelo patriarcado que privilegia os primeiros.

O conceito de patriarcado vem sendo trabalhado e usado para análises de sociedades contemporâneas com classes sociais, raça/etnia e Estado. Consiste num esquema de dominação-exploração que penetra todos os âmbitos da sociedade. Está presente nas leis, na linguagem, na educação, nas tradições etc. Neste processo legitima poder do homem sobre a mulher, e é tão amplamente aceito que parece fazer parte da natureza (AMARAL, 2006).

No âmbito do patriarcado, desde crianças, as mulheres são socializadas para se tornarem boas esposas, donas de casa e mães com base na gramática sexual ou de gênero. Por outro lado, os meninos são socializados para enfrentar o espaço público e se tornarem capazes de suprir as necessidades de sua família, quando adultos. Estas diferentes formas de socialização implementadas de acordo com a gramática sexual produzem as duas categorias sociais hierarquizadas socialmente.

Nos dias de hoje, com as conquistas dos movimentos de mulheres e do feminista, muitas cunhas foram introduzidas neste processo, de tal sorte que as mulheres vêm desde as décadas de 1960 e de 1970 rompendo barreiras ao seu avanço social. Desta forma, muitos guetos foram desarticulados, e lugares considerados impróprios



para as mulheres foram re-conceituados e hoje elas também os ocupam.

No entanto, ainda persiste o privilegiamento de atividades privadas destinadas às mulheres, que reduzem as possibilidades de buscar novos horizontes sociais e sua emancipação, na medida que ficam envolvidas e circunscritas em atividades voltadas para a reprodução da vida social que exigem tempo integral e têm reduzida retribuição social.

No contexto do mercado formal, dadas as condições impostas pelo processo de globalização e pela reorganização do mundo do trabalho houve um solapamento do poder de negociação dos trabalhadores junto aos patrões, assim como algumas de suas conquistas históricas. As mulheres estão cada vez mais adentrando no mercado, por um lado, pela necessidade crescente de participação na renda familiar, para fazer frente às necessidades básicas do grupo familiar. Por outro lado, porque a elas foram historicamente negadas oportunidades de abrir seus horizontes através da participação em novos espaços sociais, neste caso, o trabalho fora de casa. No entanto, o ingresso crescente das mulheres no mercado de trabalho não lhes conferiu igualdade social com os homens. Como categoria social, elas ainda percebem menos do que eles, como atestam todos os levantamentos estatísticos públicos ou privados.

As mulheres conseguiram dar um salto qualitativo no que se refere a escolaridade. Suplantaram os homens em número de anos de escolaridade, ainda que lhes foi facultado ingressar na escola muitos anos após os mesmos. Esta posição atual permite considerar as mulheres aptas a concorrer no mercado de trabalho em igualdade de condições com os homens, mas como são vistas como cidadãs de segunda categoria, seu acesso à massa salarial produzida socialmente continua inferior ao dos homens.

Patriarcado, racismo e capitalismo atuam de forma conjunta, cada contradição reforçando a outra, aprofundando o processo de dominação-exploração dos homens em relação às mulheres, dos burgueses em relação aos trabalhadores e dos brancos em relação aos negros. O mercado de trabalho congrega concomitantemente as três contradições: as relações de classe, pois ali capital e trabalho se confrontam, as relações de gênero consubstanciadas na divisão sexual do trabalho, e também as relações de raça/etnia que também fazem parte deste jogo contraditório. De acordo com Saffioti (2003: 37),

A tripla constituição do sujeito - gênero, raça/etnia e classe afasta a idéia de sua unicidade. Ao contrário, ele é múltiplo e contraditório, mas não fragmentado. Com efeito, esses três antagonismos constituem num nó (SAFFIOTI, 1987; SAFFIOTI et al., 1992) que potencia o efeito, dessas contradições tomadas, cada uma de per si, isoladamente. A história singular de cada indivíduo só faz sentido na medida em que é determinada pela instância do particular. Daí a possibilidade de recorrer, com êxito, à história de vida, a fim de, ao lado da utilização de outras técnicas, reconstituir períodos da história e seus nexos.



Portanto, as categorias sociais de gênero experienciam a vida de forma diferente, não somente por causa da organização social de gênero que dispõe o que é próprio para as mulheres e o que é próprio para os homens. Pertencer a uma classe social também rebate de forma diferente em ambas as categorias sociais, bem como o fator cor da pele. O emprego e o desemprego tem significado diverso para cada categoria social.

SERVIÇO SOCIAL E A PERSPECTIVA DE GÊNERO

Uma das principais atribuições dos Assistentes Sociais é o empoderamento da demanda com vistas a sua emancipação. É fundamental considerarem que as mulheres e sobretudo as afro-descendentes alocadas na mais baixa escala socio-econômica são majoritaria e historicamente usuárias dos seus serviços. Dependem de seus serviços para sobreviver.

Na base das relações sociais enfocadas neste estudo encontra-se o poder, aqui concebido como correlação de forças que perpassa toda a sociedade. Portanto, ainda que alguns grupos detenham mais poder que outros, não está concentrado de *forma absoluta* nas mãos de uma categoria de gênero, de um grupo étnico-racial ou de uma classe. Há na sociedade uma tendência em absolutizar o poder daquele que se considera o mais forte, o que se constitui num risco de deixar as coisas como estão, ou seja a manutenção e reprodução da desigualdade social.

À medida que grupos vão acumulando vitórias a partir dos enfrentamentos sociais, vão exercer o poder pela dominação-exploração nas relações com os "vencidos" (FOUCAULT, 1989). Ainda assim, não significa a detenção do poder absoluto, o que abre espaço para sua circulação.

Criar formas de resistência e enfrentamento é fundamental, e para que isso aconteça, é necessário reconhecer que as mulheres também detêm poder ainda que em doses inferiores aos homens, o que lhes permite lutar contra a dominação-exploração e suas diferentes manifestações. Neste sentido, o trabalho dos Assistentes Sociais e do movimento de mulheres tem um papel fundamental que é o empoderamento das mulheres: brancas, negras, amarelas.

As mulheres não são meramente vítimas do poder masculino. Elas descobrem formas de reação, que nem sempre são identificadas dessa forma. Esta perspectiva de análise precisa ser explorada, pois o poder detido pelas mulheres, na maioria das vezes,



são afetos aos espaços micro, onde sua presença e atuação são mais efetivos. É nestes espaços que incide a ação dos Assistentes Sociais, na prestação direta de serviços, cujo horizonte contempla a ampliação da cidadania de seus usuários, em direção a luta por políticas públicas que contemplem também as mulheres.

A absolutização do poder incorre num outro perigo, que é dicotomizar com oposições estáticas, não dialéticas, que se excluem mutuamente. A contradição dialética caracteriza-se pelas mudanças qualitativas, da passagem de um fenômeno de um estado para outro, denotando o movimento e as mudanças em que estão envolvidas as relações sociais, na luta dos contrários, constituindo-se faces de um mesmo processo. Não se separam; um se reflete no outro, exclui e implica ao mesmo tempo; limitam-se reciprocamente, encontram-se em afrontamento, para num outro momento emergir nova ordem de contradição a ser superada num outro movimento. Pensar gênero pois, é pensar nesta relação onde as diferenças estão se confrontando, buscando novas qualidades de diferenças, mas também de semelhanças, pois no caso em questão, tratando-se de seres humanos, são carregados de diferenças e semelhanças que interagem e se contrapõem organicamente num mesmo processo. A esse respeito Saffioti (1992: 192) adverte:

(...) trata-se de estar sempre alerta para poder detectar a presença de diferenças-semelhanças de classe, e étnico-raciais nas relações de gênero. Em outros termos, esses três tipos de relações são recorrentes, impregnando todo o tecido social. A razão última para a existência destas clivagens pode ser encontrada a nível macro. As relações sociais se inscrevem no plano entre as pessoas. Eis porque não se pode abrir mão de uma postura que permite o livre trânsito entre o plano macro e o nível micro. Este ir e vir constitui requisito fundamental para a percepção e posterior análise da dinâmica social.

O poder atravessa e qualifica as relações sociais, e é correlação de forças não só econômicas, mas também políticas, de gênero, étnico-raciais etc. A perspectiva de poder ora mencionada não despreza o Estado como uma fonte de poder, porém não o focaliza como sendo a única fonte que emana poder para toda sociedade. Como o poder não se localiza num espaço, é imprescindível focalizar o Estado, o que acontece na família, na igreja, na escola, ou seja no tecido social mais tênue, nas microcélulas, que lhe dão sustentáculo e questionamento. É fundamental, para análise, o movimento de ir das microcélulas para o Estado e vice-versa, para não correr o risco de subestimar as redes de sustentação social (FOUCAULT: 1989).

Nestas redes é que se realizam as relações entre os sujeitos sociais e ficam mais explicitadas as relações contraditórias, que produzem as desigualdades sociais. Quando está em foco a prática profissional dos Assistentes Sociais justifica-se a incorporação dos conhecimentos que têm sido produzidos sobre gênero e sobre a questão étnico-racial na sociedade de classes, tendo por horizonte o Projeto Ético Político da profissão. Não



incorporar estas categorias dificulta a identificação das demandas da população, a avaliação das políticas públicas e as questões postas hoje para a profissão, como por exemplo, a feminização da pobreza, mulheres chefes de família, a violência doméstica, a concentração das mulheres negras no setor de serviços e emprego doméstico e no trabalho informal, a desigualdade salarial entre os gêneros etc.

Outro ponto importante é que essa perspectiva analítica fundamenta teoricamente para a crítica das representações que envolvem os grupos sociais básicos. Estas representações fundamentam-se nos mitos da fragilidade e inferioridade das mulheres em relação aos homens, e dos negros em relação aos brancos, perspectiva que naturaliza processos socialmente construídos. A naturalização do que é social, reforça a parcela de poder dos homens sobre as mulheres, reforça e reproduz valores do patriarcado presentes na ideologia, na economia, na política, na cultura, enfim em todas as manifestações sociais.

O debate profissional em torno da questão de gênero e étnico-racial no contexto das classes sociais constitui-se num salto qualitativo, há muito desejado por uma parcela da categoria profissional que já o incorporou e o expressa em sua ação profissional pela perspectiva de justiça social, na luta pela igualdade social. Quando os Assistentes Sociais incorporam ao seu instrumental teórico-metodológico a análise das mulheres e negros na sociedade de classes, não de forma isolada, mas à partir das suas relações com outras mulheres, e também com os homens, é que é possível captar a condição social destas categorias sociais. É possível também identificar e ultrapassar os preconceitos e discriminações presentes na realidade social, conhecendo suas demandas e injustiças históricas que sofrem há séculos. É muito diferente ser homem ou ser mulher. É muito diferente ser uma mulher pobre e branca e ser uma mulher pobre e negra, sobretudo quando as diferenças são transformadas em desigualdades sociais.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Sueli Gião Pacheco do. *O Conselho Estadual da Condição Feminina do Estado de São Paulo - um estudo acerca das bases históricas da sua constituição, limites e contradições*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

JOHNSON, Allan G. *The gender knot-unraveling our patriarchal legacy*. Filadélfia: Temple University Press, 1987.

_____. *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro:



Jorge Zahar, 1997.

LERNER, Gerda. *The creation of patriarchy*. Nova Iorque/Oxford: Oxford University Press, 1986.

SAFFIOTI, Iara Bongiovani Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. Rearticulando gênero e classe social. In COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Fundação Carlos Chagas, 1992.

_____. Diferença ou indiferença: gênero, raça/etnia, classe social. In GODINHO, Tatau e SILVEIRA, Maria Lúcia da. *Políticas públicas e igualdade de gênero*. São Paulo, 2003.

_____. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2004.